

A TERCEIRA EDIÇÃO DE *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*: O PRÓLOGO DE MACHADO DE ASSIS *THE THIRD EDITION OF MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: THE PROLOGUE OF MACHADO DE ASSIS*

Gracinéa Imaculada Oliveira¹

José Américo Miranda²

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de divulgar uma descoberta recente – a de que a terceira edição das *Memórias póstumas de Brás Cubas* tem dois estados – e as possíveis implicações dessa descoberta para futuras edições do romance, especialmente se críticas ou fiéis ou fidedignas. Um desses estados (o mais conhecido) não traz o prólogo escrito para ela (“Prólogo da terceira edição”) por Machado de Assis, o outro o traz. Também é discutida a questão da disposição dos pré-textos da narrativa nas edições feitas em vida do autor e na edição crítica preparada pela Comissão Machado de Assis. A metodologia empregada consistiu na pesquisa de fontes primárias e na revisão bibliográfica dos tópicos abordados ao longo do artigo. O resultado que se alcançou foi a constatação já indicada (no início deste resumo).

PALAVRAS-CHAVE: Crítica textual. Edições críticas. Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

ABSTRACT

This paper aims to publicize the recent discovery that the third edition of *Memórias Póstumas de Brás Cubas* has two states and discusses the possible implications of this discovery for future editions of the novel, especially if critical or faithful or reliable. One of these states (the best known) doesn't bring the prologue written for it (“Prólogo da terceira edição”) by Machado de Assis; the other one does. The issue of the disposition of the pre-texts of the narrative is also discussed in the editions made during the author's lifetime and in the critical edition prepared by the Comissão Machado de Assis (Machado de Assis Commission). The methodology employed consisted of researching primary sources and reviewing the literature on topics addressed throughout the article. The result that was reached was the observation already indicated (at the beginning of this abstract).

KEYWORDS: Textual criticism. Critical editions. Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Introdução

Desde a invenção da imprensa, que foi uma revolução sem precedentes na história da transmissão de textos, ficou para trás a tarefa penosa de copiar manuscritos e tornou-se possível a multiplicação, por meios mecânicos, de cópias idênticas de obras escritas. A mecanização do processo de reprodução viabilizou a rapidez da difusão, assim como aumentou significativamente o número de exemplares de uma mesma obra, já que possibilitou a produção de livros em grande escala.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFRJ), gracineaooliveira@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-6841-8273>.

² Professor aposentado da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), bmaj@uol.com.br, <https://orcid.org/0000-0003-1447-7785>.

Esse avanço tecnológico, entretanto, não eliminou os erros no processo de transmissão textual; apenas os modos de sua produção foram alterados. Assim, aos tipos de erros que ocorriam nos manuscritos – cujo papel é muito mais limitado na época dos livros impressos – somaram-se outros, próprios da impressão tipográfica.

Na era da imprensa, as questões relacionadas a manuscritos (ou mesmo a datiloscritos) limitam-se, em geral, à etapa anterior à impressão; a partir daí, não há mais manuscritos no processo de transmissão do texto – exceto anotações marginais em exemplares de trabalho do autor. Muito frequentemente, pelo menos no Brasil, textos manuscritos tornados impressos têm os originais descartados – é o que podemos inferir, porque os originais quase invariavelmente desaparecem.

Das *Memórias póstumas de Brás Cubas* não há notícia da sobrevivência de originais – nem mesmo de um exemplar de trabalho que tenha pertencido ao autor. A exceção é o capítulo CLII, cujo *fac-simile* foi estampado na edição crítica do romance, entre as páginas 56 e 57. Daí só podermos confiar no que existe impresso. Um ou outro detalhe sobre o grau de satisfação do escritor com a obra publicada transparece em outros textos seus, como cartas, por exemplo.

Publicadas pela primeira vez nas páginas da *Revista Brasileira*, ao longo do ano de 1880, esta é, desde sempre (pelo menos desde que o próprio autor delas as considerou assim), a primeira edição das *Memórias póstumas de Brás Cubas*. A primeira publicação em livro, em 1881, portanto, é a segunda edição.

Apesar do prestígio do autor e da qualidade da obra, a terceira edição das *Memórias* só aconteceu em 1896, 15 anos depois da segunda. Machado de Assis escreveu um “Prólogo da terceira edição” – que é objeto de questões ainda hoje não completamente esclarecidas. Este é o ponto central deste artigo: a situação do “Prólogo” na terceira e na quarta edições – principalmente na terceira. A quarta edição foi publicada em 1899, e foi a última feita em vida do autor.

1. As edições de MPBC em vida do autor

A primeira edição, na *Revista Brasileira*, teve início na página 353 do terceiro tomo, publicado em 15 de março de 1880. Logo abaixo do título, vem uma epígrafe de Shakespeare – epígrafe que não consta na edição em livro, publicada no ano seguinte – e nunca mais foi retomada. Logo abaixo dela começa o “CAPITULO I. / OBITO DO AUTOR.” Não há, portanto, no folhetim, nem o texto prologal “Ao leitor”, de Brás Cubas, nem “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes [do cadáver do autor]”, dedicatória ficcional; essas duas peças passaram a fazer parte da obra a partir de sua segunda edição.

A segunda edição, já em livro, apareceu em janeiro de 1881, com numerosas interferências do autor no texto, e algumas alterações na divisão em capítulos – a maioria absoluta dos quais traz o mesmo título e o mesmo conteúdo da primeira edição; três tiveram seus títulos alterados (um deles para adaptá-lo à nova numeração dos capítulos no livro, necessária pela supressão de capítulos); dois foram fundidos num só (LX e LXI na *Revista Brasileira* se tornaram LIX no livro); e dois (XVI e CXLII) foram suprimidos. O quadro 1, a seguir, traz a equivalência dos capítulos nessas duas edições.

Quadro 1: Equivalência dos capítulos na primeira (1880) e segunda edições (1881)

REVISTA BRASILEIRA – RB (1880)		LIVRO (1881)	OBSERVAÇÕES
Capítulos na RB		Capítulos no livro	
15 mar. t. III, p. 353-372	Epígrafe I-IX (Continua)	Ao leitor Ao verme I-IX	<i>I will chide no breather in the world but myself; against whom I know mos faults. / Não é meu intento criticar nenhum fôlego vivo, mas a mim somente, em que descubro muitos senões. / SHAKSPEARE, As you like it, act. III, sc. II.</i>
1º abr. t. IV, p. 5-20	X-XIV (Continua)	X-XIV	
15 abr. t. IV, p. 95-114	XV- XVI-Comoção XVII-XXIII (Continua)	XV- XVI-XXII	Capítulo suprimido.
1º maio t. IV, p. 165-176	XXIV-XXIX (Continua)	XXIII-XXVIII	
15 maio t. IV, p. 233-242	XXX-XXXV (Continua)	XXIX-XXXIV	
1º jun. t. IV, p. 295-305	XXXVI-XLIII (Continua)	XXXV-XLII	
15 jun.	---	---	Sem capítulos.
1º jul. t. V, p. 5-20	XLIV-LIII (Continua)	XLIII-LII	
15 jul. t. V, p. 125-138	LIV-LVII LVIII-De como o autor, não achando denominação para este capítulo, limita-se a escrevê-lo. LIX-Confidências LX-Um encontro LXI-Cinco mil réis LXII- LXIII-Um projeto (Continua)	LIII-LVI LVII-Destino LVIII-Confidência LIX-Um encontro LX- LXI-Um projeto	Título alterado Título alterado Dois caps. fundidos: cap. LXI incorporado ao LX.
1º ago. t. V, p. 195-210	LXIII – O travesseiro LXIV-LXXI (Continua)	LXII-O travesseiro LXIII-LXX	Erro de numeração na <i>Rev. Bras.</i>

15 ago. t. V, p. 253-272-	LXXII-LXXXIV (Continua)	LXXI-LXXXIII	
1º set. t. V, p. 391-401	LXXXV-XCI (Continua)	LXXXIV-XC	
15 set. t. V, p. 451-462	XCII-C (Continua)	XCI-XCIX	
1º out. t. VI, p. 5-17	CI-CX (Continua)	C-CIX	
15 out. t. VI, p. 89-107	CXI-CXXIV (Continua)	CX-CXXIII	
1º nov. t. VI, p. 193-207	CXXV-CXXX CXXXI-Para intercalar no cap. CXXX CXXXII-CXXXIX (Continua)	CXXIV-CXXIX CXXX-Para intercalar no cap. CXXIX CXXXI-CXXXVIII	Título alterado.
15 nov.	---	---	Sem capítulos.
1º dez. t. VI, p. 357-370	CXL-CXLI CXLII-Se alguma vez... CXLIII-CLI (Continua)	CXXXIX-CXL CXLI-CXLIX	Capítulo suprimido.
15 dez. t. VI, p. 429-439	CLII-CLXII FIM	CL-CLX FIM	

Fonte: Elaborado pelos autores a partir das edições de 1880 e 1881.

Nessa edição (1881), a disposição dos textos iniciais do livro está conforme a indicação do índice, que vem no final do volume, com as páginas numeradas de I a V, assim (p. I):

AO LEITOR	V
DEDICATORIA.....	VII
CAPITULO I. Obito do autor	9

Para a edição de 1896, Machado de Assis escreveu o “Prólogo da terceira edição”, que não apareceu em todos os exemplares. Nesse prólogo, o autor da obra afirma logo no início:

A primeira edição destas *Memorias posthumas de Braz Cubas* foi feita aos pedaços na *Revista Brasileira*, pelos annos de 1880. Postas mais tarde em livro, corriji o texto em varios logares. Agora que tive de o rever para a terceira edição, emendei ainda alguma cousa e supprimi duas ou tres duzias de linhas. (ASSIS, 1896, p. VII)

A ordem dos pré-textos, em 1896, complicou-se (A dedicatória “Ao verme” vem antes do “Prólogo da terceira edição” – nos exemplares em que ele está presente –, e o prólogo de Brás Cubas,

“Ao leitor”, vem por último), embora o índice do final do volume seja muito claro quanto à disposição deles no livro (p. 383):

PROLOGO DA TERCEIRA EDIÇÃO	VII
AO LEITOR	IX
DEDICATORIA	XI
CAPITULO I OBITO DO AUTOR	1

No livro de 1896, dois capítulos mudaram de título: o capítulo LXXIV na primeira edição (1880) e LXXIII na segunda (1881), que se intitulava “O lunch”, passou a “O luncheon” na terceira, onde leva, como na segunda edição, o número LXXIII; e o capítulo LXXX na primeira edição e LXXIX na segunda, que se intitulava “Compromisso de gato”, passou a “Compromisso” na terceira, onde leva, como na segunda, o número LXXIX.

A quarta edição dessas *Memórias* saiu do prelo em 1899 – ano em que saía também, quentinho ainda, e que por isso mesmo deve ter demandado muito mais a atenção de todos (autor, críticos, leitores), o *Dom Casmurro*. Nela, consta o “Prólogo da quarta edição”.

Esse prólogo, entretanto, foi escrito para a terceira e, como não saiu em todos os exemplares dela, foi posto na quarta com o título alterado (para ajustá-lo à edição em que saía). Como já havia percebido Houaiss (1960, p. 49), no corpo do texto não foi corrigida a informação referente a que edição ele se destinava: “Postas mais tarde em livro [as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*] corriji o texto em varios logares. Agora que tive de o rever para a terceira edição, emendei alguma cousa e supprimi duas ou tres duzias de linhas.” (ASSIS, 1899, p. VII). Além disso, no índice da quarta edição (p. 383), o título desse pré-texto não foi alterado:

“PROLOGO DA TERCEIRA EDIÇÃO	VII”.
-----------------------------------	-------

A ordem dos pré-textos na quarta edição ficou como estava na terceira, alterado apenas o título do “Prólogo” de Machado de Assis: dedicatória “Ao verme” (ficcional), “Prólogo da quarta edição” e “Ao leitor”. Porém, no índice, a ordem não é a mesma:

PROLOGO DA TERCEIRA EDIÇÃO	VII
AO LEITOR	IX
DEDICATORIA	XI

Tentamos adiante uma explicação para essa discrepância (entre a ordem dos textos no livro e a ordem deles no índice), que já vinha da terceira edição.

2. Considerações sobre as edições que trazem o “Prólogo da terceira (quarta) edição”

Os exemplares da terceira edição consultados por José Galante de Sousa, para sua *Bibliografia de Machado de Assis*, e por Antônio Houaiss, para sua edição crítica do romance, simplesmente não

trazem o “Prólogo da terceira edição” (embora ele conste no índice, ao final do volume, p. 383). Tal fato levou o editor crítico a tecer as seguintes considerações, na “Introdução crítico-filológica” da edição:

C [edição de 1896] intitula-se terceira edição, considerando, pois, como primeira edição a da *Revista Brasileira*. É que o próprio autor define a situação desta edição no prólogo a ela destinado e que, por circunstâncias ainda não esclarecidas, nela não figurou, mas sim na quarta, com uma contradição ostensiva, lá. (HOUAISS, 1960, p. 48)

A afirmativa de que o prólogo não figurou no livro de 1896 parte do pressuposto de que todos os exemplares de uma mesma edição são iguais – o que não é necessariamente verdade. Esse pressuposto nos lembra a recomendação de Alberto Blecua (2001, p. 174), que, embora se refira a outro contexto, aplica-se aqui à perfeição: “... el editor de textos impresos debe colacionar todos los ejemplares conocidos de una misma edición.” – tarefa improvável! A contradição a que Houaiss se refere consiste no fato de o prólogo ter saído, na quarta edição, com o título “Prólogo da quarta edição”, porém com o texto redigido para a terceira (inalterado), em que Machado de Assis dizia com todas as letras: “Agora que tive de o rever para a terceira edição, etc.”

Mais adiante, na mesma “Introdução crítico-filológica”, Houaiss (1960, pp. 49-50) aventava uma hipótese para explicar seu achado:

Enviada, quiçá, com a última prova, a recomendação de inseri-lo na edição que se revia terá escapado, ou a urgência comercial terá determinado deixá-lo para depois, visto como já então deveria estar no ânimo dos editores guardar a composição dessa edição para as futuras – o que efetivamente aconteceu.

Em acordo com as informações então disponíveis, o editor crítico adotou o título do prólogo que vem na quarta edição, mantendo, na edição crítica, a “contradição ostensiva”.

Senão quando, nos afazeres acadêmicos que adotamos por profissão, no afã de conhecer “pessoalmente” essa terceira edição de livro tão importante para as letras brasileiras, deparamo-nos com um exemplar da terceira edição... e havia nele o famigerado prólogo! Nós o encontramos na Biblioteca Digital (BBM Digital) da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (<https://digital.bbm.usp/handle/bbm/7815br>). Concluímos, então, a partir desse achado, que a terceira edição possui pelo menos dois estados: um deles (estado 1) sem o “Prólogo da terceira edição”, o outro (estado 2) com o prólogo.

Essa informação vem apenas confirmar a crítica feita à qualidade do livro brasileiro por “um bibliófilo” em 1895:

Acho eu que uma das razões porque o livro brasileiro se lê pouco e, portanto, se vende pouco é que ele é feio. Sim é feio, mal feito, mal impresso, mal brochado, mal encadernado (quando o é) mal conformado, um monstro emfim no ponto de vista da arte typographica e da esthetica em geral (UM BIBLIOPHILO, 1895, p. 182).

Embora o ponto central dessa crítica tenha sido o suporte material do livro, a encadernação e a matéria aparente, condiz com esse estado de coisas um outro descuido – no tratamento dado ao

conteúdo do livro. Machado de Assis deixou pistas, em cartas a Carlos Magalhães de Azeredo, sobre certos aspectos da história desse livro e sobre a qualidade dessa terceira edição.

Em 26 de maio de 1895, Machado diz ao amigo que não possuía a coleção completa de suas obras e, logo na sequência, afirma que conversará “com o sucessor do Garnier” (B.-L., que morrera em outubro de 1893) para ver se havia possibilidade de publicação da terceira edição do romance. O encadeamento das frases, o dizer que não tem todos os seus livros e daí passar ao desejo de uma terceira edição das *Memórias póstumas* – tudo faz crer que um de seus livros que ele não mais possuía (“alguns há que não sei onde os ache”) era justamente esse romance (que já estava com a segunda edição esgotada há tempos).

Possivelmente, na preparação da terceira edição das *Memórias*, Machado de Assis enviara seu exemplar corrigido (da segunda) ao editor parisiense. Essa nossa hipótese baseia-se (por analogia) no fato de haver o romancista enviado a Paris o seu exemplar da terceira edição para a preparação da quarta – conforme se verá adiante.

Em 29 de maio de 1897, já dava notícia da terceira edição:

A casa Garnier fez uma nova edição das minhas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. É a terceira, contando por primeira a publicação na antiga *Revista Brasileira*. Vai também sair uma edição nova do *Quincas Borba*, cuja primeira edição data de 1891, e estava esgotada. O primeiro livro há muito que o estava, mas os últimos tempos da doença do finado Garnier (B.-L.) eram de apatia; faltava-lhe a antiga atividade. (ASSIS, 2011, t. III, p. 232)

Houve cartas de Machado a Magalhães de Azeredo datadas de 25 de abril e 17 de novembro de 1896, e só no final de maio de 1897 lembrou-se ele de dar notícia da nova edição ao amigo – terá o livro chegado ao Rio de Janeiro com tanto atraso? Como veremos, o exemplar dessa publicação pertencente à Biblioteca Guita e José Mindlin deve ter sido comprado no Rio de Janeiro em abril de 1897.

Por fim, em 9 de setembro de 1898, ele deixou clara a sua insatisfação com a terceira edição: “Estou com uma 2ª edição de *Iaiá Garcia* a ser posta à venda. Traz algumas incorreções, mas em pequeno número e de menor monta que as das novas edições das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, e de *Quincas Borba*, a primeira principalmente.” (ASSIS, 2011, t. III, p. 322) O mais provável é que Machado tenha recebido do livro um exemplar que não trazia o prólogo que escrevera expressamente para ele.

Não parecia ser de muita conversa o sr. Hippolyte Garnier, editor de Machado, irmão mais velho do falecido Baptiste-Louis Garnier, que residiu no Rio de Janeiro, e com quem Machado de Assis, enquanto [o editor] viveu, lidou diretamente.

Em verbete dedicado a Hippolyte Garnier, ao final do terceiro volume da Correspondência de Machado de Assis (MOUTINHO; ELEUTÉRIO, 2011, t. III, pp. 558-9), o comportamento e os interesses desse editor são assim expostos (em conformidade com o que afirmamos no parágrafo anterior): “Age de maneira pragmática, com maior interesse na literatura hispano-americana, além de

manter vigoroso catálogo de autores franceses e de outros europeus.” (MOUTINHO; ELEUTÉRIO, 2011, t. III, p. 559; grifo nosso) Não espanta, pois, a má qualidade da terceira (e da quarta) edição das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, assim como os descuidos relacionados com o “Prólogo da terceira edição” – de que vimos tratando aqui.

Outras informações importantes sobre o estado de espírito de Hippolyte Garnier frente a Machado de Assis e sua obra emergiram recentemente como resultado das pesquisas da profa. Lúcia Granja (2018), em especial no que diz respeito a possíveis conflitos entre os interesses comerciais da editora e o espírito puramente artístico de nosso escritor.

Talvez seja esse um dos motivos que levou Machado de Assis, em outra carta, datada de 30 de outubro de 1899, a se dirigir a H. Garnier, que residia em Paris, da seguinte maneira: “Je vous prie, quand vous aurez à réimprimer *Memórias Póstumas de Brás Cubas* et *Quincas Borba*, de me le faire dire, car j’aurai une petite déclaration à mettre dans ces deux volumes.” (ASSIS, 2011, t. III, p. 421) Mal sabia o autor do livro que a quarta edição, àquela altura, já estava impressa ou com a impressão em andamento, pois seu colofão traz a data “7.99” (julho de 1899). Evidentemente, essa edição não trouxe “declaração” alguma do autor – com toda certeza foi feita à revelia dele (exceto pelas correções feitas no exemplar de trabalho enviado à editora – ver abaixo).

Desde a terceira edição, em que foi introduzido um texto novo no livro, não temos informações sobre a disposição das páginas preliminares pretendida pelo autor. Sabemos apenas que ele não ficou nada satisfeito com o resultado (carta a Magalhães de Azeredo já citada). Ao comunicar-se com a casa editora a propósito da quarta edição, diz em carta (de que só conhecemos um rascunho) dirigida ao Snr. Lansac: “J’ai l’honneur de vous remettre l’exemplaire *corrigé* des “Memorias Posthumas de Braz Cubas” pour la nouvelle édition, à demande de M. Garnier et d’accord avec nos conventions.” (ASSIS, 1939, p. 205; grifo nosso) O exemplar enviado foi, evidentemente, o da terceira edição (corrigido).

A julgar pelos documentos que conhecemos, Machado não parecia preocupado com a posição do “Prólogo ao leitor” entre os pré-textos – isso lhe devia parecer óbvio. Preocupou-se apenas com denominar a edição de “quarta”, e não de “nova”. Talvez não o tenha feito pela ordenação do índice, que seria a correta e, portanto, deveria ser cumprida na tipografia. Desconhecemos qualquer manifestação do romancista contrária a essa ordem, que não é a que se consagrou nas páginas iniciais do livro, e aparece até mesmo na edição crítica.

A situação geral dos exemplares da terceira e da quarta edições, que sobreviveram até a atualidade e aos quais tivemos acesso, confirma o que afirmamos anteriormente – que não é só a qualidade do suporte (papel) e da encadernação que é ruim; a própria edição foi descuidada: a quarta, aparentemente, foi feita à revelia do autor; a terceira, com toda certeza, deixou o prelo com grande parte dos exemplares sem o “Prólogo da terceira edição” (escrito pelo autor especialmente para ela). Com relação à terceira, Machado deixou clara a sua insatisfação.

Para esta pesquisa, foram consultados cinco exemplares impressos da terceira e quatro da quarta edição. Os exemplares impressos da terceira (1896) consultados pertencem aos acervos da Biblioteca Rodolfo Garcia da Academia Brasileira de Letras (2), da Fundação Biblioteca Nacional (1) e do

Real Gabinete Português de Leitura (2). Esses cinco exemplares não trazem o “Prólogo da terceira edição”. Um dos exemplares da Academia Brasileira de Letras está razoavelmente conservado, com alguns furos feitos por insetos e páginas amareladas; já o outro encontra-se em péssimo estado de conservação: acomodado em uma caixa, porque não tem capa nem lombada, está com os cadernos soltos. O exemplar pertencente ao acervo da Biblioteca Nacional apresenta problemas: oxidação do suporte e folhas quebradiças nas pontas. No anterrosto há carimbo da Livraria Fonseca, de Maceió. Os do Real Gabinete Português de Leitura foram encadernados na instituição; um dos exemplares não tem a última folha do índice e está com as folhas muito escuras.

Quanto à quarta edição (1899), os exemplares por nós examinados pertencem, 2 deles, à Fundação Biblioteca Nacional, 1 ao Real Gabinete Português de Leitura e 1 à Fundação Casa de Rui Barbosa. Um dos exemplares da Biblioteca Nacional está com as folhas dos pré-textos soltas. O exemplar pertencente ao acervo do Real Gabinete Português de Leitura está em estado delicado de conservação; a encadernação não é a original – foi feita na instituição. Neste exemplar, não há o pré-texto “Ao leitor”. O exemplar da Fundação Casa de Rui Barbosa é o melhor conservado de todos os consultados. Este livro, que tem encadernação mais recente, ainda possui, embora bastante danificada, a capa original, logo após a primeira folha de guarda.

De todos os exemplares examinados nessas instituições, apenas um não apresenta o paratexto “Ao leitor” – o da quarta edição, do Real Gabinete Português de Leitura. Muito provavelmente essa folha se soltou do volume e se perdeu.

3. Os dois estados da terceira edição

A localização de um exemplar da terceira edição das *Memórias póstumas de Brás Cubas* com o prólogo, paratexto este inexistente nos exemplares que examinamos no Rio de Janeiro, obrigou-nos a admitir que essa edição possui pelo menos os dois estados mencionados: um deles sem o prólogo redigido para a terceira edição por Machado de Assis (estado 1), outro com o prólogo (estado 2).

José Galante de Sousa e Antônio Houaiss examinaram os exemplares disponíveis a eles para consulta e não encontraram o prólogo. Muito provavelmente, os livros que examinaram estavam todos no Rio de Janeiro. E, curiosamente, os exemplares da Biblioteca Nacional (1), do Real Gabinete Português de Leitura (2) e da Biblioteca Rodolfo Garcia, da Academia Brasileira de Letras (2), não trazem o prólogo. Teriam os exemplares enviados de Paris (onde o livro foi impresso) ao Rio de Janeiro sido todos do primeiro lote de impressão? Provavelmente, a julgar pelos exemplares encontrados, pelo menos a maioria o foi. Esse “primeiro lote de impressão” compõe-se de exemplares impressos antes da inclusão do prólogo na edição, ou seja, os do estado 1.

O exemplar da Biblioteca Guita e José Mindlin, que tem o prólogo, é de procedência desconhecida por nós. Entretanto, há uma evidência indireta de que ele proceda do Rio de Janeiro, pois traz a assinatura do proprietário e a provável data da aquisição na primeira folha de guarda, assim: “Alvaro de Souza Macedo / Rio, 14/4/97”.

A possível explicação para a existência dos dois estados (1 e 2) é a mesma que Antônio Houaiss propôs para a ausência do prólogo nos exemplares consultados por ele – proposta que citamos anteriormente: o prólogo teria chegado à gráfica com o processo de impressão do livro já em andamento, de modo que a inserção do novo texto teria sido feita em meio do caminho; e o resultado foram os dois estados que hoje sabemos existirem desta edição.

Sabe-se que o hábito de não descartar folhas já impressas depois de alguma correção era prática corrente: “La corrección tenía lugar sobre una prueba del pliego. Ocurría con frecuencia que, una vez impresos varios ejemplares de un mismo pliego, se advertía un error y se subsanaba en el molde, pero los pliegos ya impresos, dado el valor del papel, no se destruían.” – explica Alberto Blecu (2001, pp. 172-3).

Não é difícil imaginar, nas circunstâncias em que a edição foi impressa, que a inserção do “Prólogo da terceira edição” entre os pré-textos do livro tenha sido feita às pressas, e, por isso, pouca atenção foi dada ao índice do volume, que vem nas páginas 383-387 da obra – onde estava claramente indicada a posição que ele deveria ocupar no livro.

No índice, conforme já vimos, a ordem dos textos nas páginas preliminares é a seguinte: “Prólogo da terceira edição”, “Ao leitor”, “Dedicatória”. Esta sequência parece fazer sentido, dada a excepcionalidade da obra, que foi escrita por um “defunto autor”. Essa informação, de que o livro é “obra de finado”, é útil ao leitor, para a compreensão plena da dedicatória “Ao verme”, que vem em seguida. O paratexto “Ao leitor”, assinado por Brás Cubas, é, portanto, um texto ficcional. O mesmo raciocínio se aplica à suposta “dedicatória” – também ela uma peça ficcional, parte integrante da obra. O “Prólogo” assinado pelo autor – Machado de Assis – não poderia, sem ruptura do pacto ficcional, ser metido entre os textos de Brás Cubas.

Nas páginas iniciais do livro, entretanto, a ordem dos textos é outra: “Dedicatória”, “Prólogo da terceira edição”, “Ao leitor”. Segundo a tradição, a dedicatória é algo que se põe na folha que segue imediatamente à de rosto, antes de todos os demais textos, conforme explica Emanuel Araújo (1986, p. 442):

A dedicatória, quando existe, é normalmente consignada na página ímpar fronteira ao verso da folha de rosto. Até o século XVIII essa homenagem do autor incorporava-se à sequência do título na página de rosto [...]. Sua forma, mesmo quando ganhou autonomia, variou no tempo, desde as de estilo epistolar, via de regra derramadas e altissonantes, até as contemporâneas, quase sempre concisas.

Gérard Genette (2009) também aborda a questão da dedicatória. Em relação ao lugar desse paratexto no livro, ele afirma, como Emanuel Araújo (1986), que o lugar canônico, a partir do século XVI, é o começo do livro, sendo que atualmente figura “na primeira página ímpar depois da página de rosto.” (GENETTE, 2009, p. 116) Entretanto, ele cita exemplos de dedicatórias em outros lugares: dentro do livro, no alto de divisão, como em coletâneas de poemas ou de novelas em que cada elemento tem sua própria dedicatória, ou no final do livro.

Uma coisa é uma “homenagem do autor” (como vem em Emanuel Araújo), outra uma exorbitância do narrador, que se diz defunto. Pôr a dedicatória “Ao verme” antes de todos os demais textos é acreditar indevidamente nas palavras, ou obedecer cegamente às regras da composição de um livro. A dedicatória de que aqui se trata é uma peça ficcional, obra do “defunto autor” – pertence a um universo distinto do universo do autor – este, sim, um homem na época vivo, de nome Machado de Assis.

A dedicatória “Ao verme” aparece pela primeira vez, como já afirmamos, na segunda edição (1881). No volume, ela vem depois do prólogo de Brás Cubas, intitulado “Ao leitor” – em nossa opinião esse é o lugar adequado e verossímil para ela. Pode ser, também, entretanto, que pretendesse o autor “fingir” mais seriamente (imitar os livros dedicados a alguém), ou seja, que quisesse pôr a dedicatória antes de “Ao leitor”. Se o narrador é um defunto autor, a publicação dessas memórias tem de aparentar uma normalidade editorial suficiente para se fazer crível, ou seja, tem de obedecer à ordem que impera entre os vivos – dedicatória do defunto, prólogo do defunto. O prefácio autoral, por sua vez, tem de vir antes; caso contrário ficaria metido no interior da ficção, pois tanto a dedicatória como “Ao leitor” são peças ficcionais juntadas ao romance, sob a forma de pré-textos, um tanto humorísticos, ao modo dos hábitos tipográficos dos vivos.

4. A edição crítica

O romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi a primeira das obras de Machado de Assis a ter sua edição crítica preparada pela Comissão Machado de Assis, nomeada em 1958 com o fim de estabelecer os textos machadianos. O romance, com o texto estabelecido, foi publicado pelo Instituto Nacional do Livro em 1960.

Antônio Houaiss (1960, p. 50), na descrição da edição de 1896 das *Memórias...*, constatou a ausência do “Prólogo da terceira edição” na página VII, conforme constava no índice do volume, à página 383 – repetimos aqui as informações, pela suma importância delas. Sobre essa ausência, afirmou ele: “E a página VII – melhor, a folha VII/VIII – das partes preliminares da edição em causa até hoje não foi vista ou localizada em nenhum exemplar de *C* [edição de 1896]”. Já o reconheceu José Galante de Sousa, na *Bibliografia de Machado de Assis* (1955). Há, de fato, em alguns exemplares do livro uma falha, uma lacuna – falta-lhes a folha correspondente às páginas VII/VIII, onde deveria estar o “Prólogo da terceira edição”. Conforme também vimos, o índice, que vem às páginas 383-387, indica a presença desse texto (p. VII), antes de “Ao leitor” (p. IX) e da “Dedicatória” (intitulada “Ao verme”, p. XI). Nas páginas preliminares, entretanto, “Ao leitor” vem às páginas IX/X, não há a folha correspondente às páginas VII/VIII (páginas que existem no exemplar encontrado por nós, e que contêm o “Prólogo da terceira edição”), a “Dedicatória” vem em página não numerada, com o verso em branco (p. V/VI), a página de rosto, com o verso em branco (corresponde às páginas III/IV), e o anterrosto, com as “obras do mesmo autor” no verso (corresponde às páginas I/II). Por fim, a folha de guarda, não levada em conta na numeração.

Sendo assim, mesmo nos exemplares em que não há a folha VII/VIII, a existência do “Prólogo da terceira edição” está como que hipostasiada. Tinham os impressores, portanto, a informação de que haveria um “Prólogo” do autor, a ser incluído na edição. E fica óbvio que a gráfica impressora levou isso em consideração, na composição e numeração das demais páginas preliminares – e ainda assim as imprimiu sem que o “Prólogo da terceira edição” lhe estivesse à mão, para que o incluísse no livro. Urgência comercial? Pragmatismo do editor? Tudo indica (a correspondência entre o autor e a casa editora, principalmente) que o prelo andava à frente das instruções de Machado de Assis para o acabamento da nova edição – especialmente no caso da quarta, em que isso ficou documentado.

No processo de preparação da edição crítica, foi realizado o levantamento das edições do romance, desde a primeira (1880), publicada em folhetim na *Revista Brasileira*, até a de 1959, na *Obra completa* da editora José Aguilar. As que entraram no cotejo, entretanto, foram as de 1880 (A), 1881 (B), 1896 (C), 1899 (D), 1921 (F) e 1955 (O). O estema linear englobou a primeira tradição (A → B) e a segunda (C → D), sendo que D serviu de texto-base para a edição crítica. (HOUAISS, 1960)

Consequência direta dessa escolha foi a manutenção, na edição crítica, dos pré-textos na ordem em que eles estavam na edição de 1899 (D). Foi mantida até mesmo a contradição entre o texto e o título do “Prólogo da quarta edição”. Em nota aposta à “Dedicatória”, primeiro dos textos, afirmou Houaiss (1960, p. 105): “B (segunda edição, de 1881, primeira em livro) traz a dedicatória depois de ‘Ao leitor’, podendo ser por malbarato da ordem de impressão ao ser encadernado o exemplar da colação.” Tal registro torna clara a concepção de Houaiss de que a dedicatória deveria vir mesmo logo depois da folha de rosto (e é possível que Machado tivesse também essa intenção, para que o livro do “defunto autor” tivesse o mesmo aspecto dos livros escritos por autores vivos – embora não haja qualquer manifestação do autor a respeito disso).

Já assinalamos ser este o lugar – tecnicamente falando – da dedicatória. Porém, essa não é uma “dedicatória” comum, ela pertence ao universo ficcional de Brás Cubas e, conseqüentemente, ao universo da narrativa.

A mesma tecnicidade parece ter acometido os impressores parisienses do livro, na terceira edição, em que a dedicatória “Ao verme” vem à frente de todos os outros textos, inclusive do “Prólogo da terceira edição”. Em consequência disso, ficou no mesmo lugar o “Prólogo da quarta edição” (título que ganhou o mesmo “prólogo” da terceira em 1899).

Embora Houaiss pudesse considerar, também, a ordem em que o título desses pré-textos aparece no índice de D, ele não levou em conta essa possibilidade. Ele podia ter acatado a ordem que consta no índice e, assim, alterado os pré-textos sem propor uma edição crítica com contaminações, um dos cuidados que ele tomou ao propor o texto crítico, como se depreende da seguinte afirmativa: “Para, entretanto, ficar definido o caráter incontaminado do texto crítico estabelecido, melhor seria figurar seu estema simplesmente assim: A → B ↔ C → D ↔ P [esta é a edição crítica]” (HOUAISS, 1960, p. 59).

Depois da edição crítica das *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1960), o romance teve ainda uma edição preparada por José Galante de Sousa, para a editora Garnier (1988), em que ele diz reproduzir o texto da edição de 1899, com correção apenas dos erros óbvios (não anotados, portanto).

A editora Melhoramentos, que encomendou o texto de *Dom Casmurro* a Maximiano de Carvalho e Silva (edição de 1966, republicada em 1975 e em 2014), publicou também as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, com “Introdução geral” de Augusto Meyer (o exemplar que consultamos é de 1963). No caso dessa edição, fica mais evidente o inconveniente de se colocar a dedicatória “Ao verme” logo em seguida à página de rosto, pois depois dela vem a longa (23 páginas) “Introdução geral” de Augusto Meyer, o “Prólogo da quarta edição” e, por fim, “Ao leitor”. Com essa disposição, a dedicatória “Ao verme” praticamente perde a conexão com o universo ficcional de Brás Cubas (tantos são os textos interpostos entre eles).

Conclusão

O principal foco deste artigo foi a terceira edição do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, da qual descobrimos recentemente um segundo estado, em que aparece o “Prólogo da terceira edição” (desconhecido, nessa edição, pelo editor crítico de 1960). O que se sabia até hoje é que ela não trazia esse prólogo (redigido pelo autor do romance).

O confronto dos exemplares dessa obra, que localizamos em acervos de instituições no Rio de Janeiro, confirmou as afirmativas de José Galante de Sousa e de Antônio Houaiss, de que essa edição não trazia o prólogo. O que descobrimos recentemente altera essa situação: encontramos um exemplar desse texto de 1896 com o prólogo. Este exemplar existe no acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo. Com isso, chegamos à conclusão que essa edição tem, no mínimo, dois estados – um sem (estado 1), outro (estado 2) com esse pré-texto.

O novo pré-texto, assinado por Machado de Assis, aparece entre a “Dedicatória” e o prólogo “Ao leitor” – ambas obras do narrador do romance. Essa localização não nos parece a ideal, nem a correta; tentamos explicá-la pelas circunstâncias em que a terceira edição foi feita.

Essa descoberta altera de modo importante a perspectiva crítica que se deve adotar na abordagem da relação entre a terceira e a quarta edições. A ordem dos pré-textos numa edição crítica necessita reavaliação; e o título do “Prólogo” não pode ser o que saiu na edição crítica realizada pela Comissão Machado de Assis.

Esta é a ordem que propomos (divergindo nisso da edição crítica) – “Prólogo da terceira edição”, “Ao leitor” e “Dedicatória”. No nosso entendimento, essa disposição não interfere no jogo ficcional do romance e ainda obedece à ordem que aparece na segunda edição (única em livro impressa no Rio de Janeiro sob as vistas do autor) e nos índices das demais edições feitas em vida do escritor. Além disso, “Ao leitor” é um texto voltado para o mundo dos vivos, ao passo que a dedicatória “Ao verme” já é um mergulho no mundo dos mortos.

Diante do exposto, conclui-se que uma possível nova edição do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que venha a ser feita no futuro, deverá levar em consideração o achado que comunicamos neste artigo, assim como deverá pôr em pauta a questão da disposição dos paratextos iniciais na estrutura da obra.

Referências

ASSIS, Machado de. Memórias posthumas de Braz Cubas. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, 15 mar., 1 e 15 abr., 1 e 15 maio, 1 jun., 1 e 15 jul., 1 e 15 ago., 1 e 15 set., 1 e 15 out., 1 nov., 1 e 15 dez. 1880.

ASSIS, Machado de. *Memorias posthumas de Braz Cubas*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1881.

ASSIS, Machado de. *Memorias posthumas de Braz Cubas*. 3. ed. Rio de Janeiro; Paris: H. Garnier, livreiro-editor, 1896.

ASSIS, Machado de. *Memorias posthumas de Braz Cubas*. 4. ed. Rio de Janeiro; Paris: H. Garnier, livreiro-editor, 1899.

ASSIS, Machado de. Rascunho de carta ao Snr. Lansac... In: *Exposição Machado de Assis*. Centenário do nascimento de Machado de Assis. 1839-1939. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1939. p. 205.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1960. [Edição crítica pela Comissão Machado de Assis.]

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Introdução geral de Augusto Meyer. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Apuração do texto, revisão, introdução e notas por Maximiano de Carvalho e Silva. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Texto estabelecido por J. Galante de Sousa. Rio de Janeiro: Garnier, 1988.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*. Tomo III – 1890-1900. Coordenação e Orientação de Sergio Paulo Rouanet. Reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Ver SILVA, 2014.

BLECUA, Alberto. *Manual de crítica textual*. Madrid: Castalia, 1983.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2009.

GRANJA, Lúcia. Três é demais! (ou por que Garnier não traduziu Machado de Assis). *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, v. 11, n. 25, pp. 18-32, dez. 2018.

HOUAISS, Antônio. Introdução crítico-filológica. In: ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1960, pp. 45-102. [Edição crítica pela Comissão Machado de Assis.]

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Lisboa: Imprensa Nacional, 2021.

SILVA, Maximiano de Carvalho e. *O romance Dom Casmurro de Machado de Assis*. Edição crítica e comentada. Estudos biobibliográficos. Niterói: UFF, 2014.

UM bibliophilo. O “livro” brasileiro. *Revista brasileira*, Rio de Janeiro, São Paulo, ano 1, t. 3, pp. 179-85, Laemmert & C. Editores, 1895. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=139955&pasta=ano%20189&pesq=%22livro%20brasileiro%22&pagfis=7907>. Acesso em: 23 jan. 2023.